

RENATO COSTA

O ASPECTO EVOLUTIVO DA REENCARNAÇÃO

1. A Evolução:

1.1. Tudo na Criação está em contínua evolução. Evolui o Universo em sua expansão incessante, evoluem os astros, evoluem os seres animados e os inanimados.

Diz Santo Agostinho em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap III, item 19:

“... Ao mesmo tempo em que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados a constituí-lo, vê-lo-ia a percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso. Marcham assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porquanto nada na Natureza permanece estacionário. Quão grandiosa é essa idéia e digna da majestade do Criador! Quanto, ao contrário, é mesquinha e indigna do seu poder a que concentra a sua solicitude e a sua providência no imperceptível grão de areia, que é a Terra, e restringe a Humanidade aos poucos homens que a habitam!...”

1.2. Criado simples e ignorante, mas destinado à Angelitude, o princípio inteligente evolui em sua longa jornada, estagiando nos diversos reinos, habitando em diversas moradas, tornando-se mais e mais complexo, individualizando-se, conquistando a consciência, o livre arbítrio, adquirindo sabedoria e bondade até o potencial máximo de que foi dotado, tornando-se, finalmente, Espírito Puro.

1.3. Como se dá essa longa jornada? Onde ela ocorre? Só existe um caminho para se chegar ao destino? Neste modesto estudo tentaremos apresentar uma resposta a essas perguntas.

2. A Reencarnação dos Espíritos:

2.1. Sabemos que os Espíritos evoluem através de sucessivas vidas na carne e que, por força da Lei da Causalidade, todas as ações cometidas por eles contrárias às Leis da Natureza farão com que vivenciem, em momentos posteriores, situações onde terão a oportunidade de reparar seus erros. São as chamadas expiações. Essas oportunidades são incontáveis, de modo a respeitar tanto a Lei da Causalidade quanto o Livre Arbítrio. Desse modo, se uma situação de vida destinada a oferecer ao Espírito uma oportunidade nova de reparar um erro não é aproveitada, surgirá outra, outra e outra mais, em sucessão interminável até que a diretriz da Lei seja cumprida e o efeito compense a causa.

2.2. Outro tipo de experiência que os Espíritos vivenciam durante sua evolução são as chamadas provas, isto é, situações não antes vividas onde eles terão que aplicar a sabedoria e a bondade adquiridas até então para mostrar estarem em condição de aproveitar as lições nelas contidas.

2.3. Sejam provas ou expiações, as experiências que vivemos são, antes de tudo, lições que temos que aprender. Sempre que um método utilizado não funcionou, novo método de ensino é aplicado até que as lições sejam aprendidas. Não existe pecado, não existe punição. O que existe é aprendizado nos caminhos da evolução incessante.

2.4. Lendo as obras de André Luiz e de outros autores espirituais, alguns irmãos e irmãs dizem duvidar que as dimensões espirituais sejam tão parecidas com o plano material pois, segundo julgam, se assim fosse, não seria necessário que reencarnássemos, podendo viver ali mesmo, nas dimensões espirituais, todas as experiências necessárias ao nosso aprendizado. Será isso verdade?

2.4.1. Entendemos que não. No tocante a haver construções nas dimensões espirituais, André Luiz não foi original. Se nos reportarmos à **Revista Espírita** de Agosto de 1858, lá veremos uma matéria intitulada *As Habitações do Planeta Júpiter* onde o Sr. Vistorien Sardou fala da descrição que recebeu das habitações existentes para os Espíritos em Júpiter, matéria essa bem escrita e seguida de uma avaliação positiva de Kardec. Além disso, os comentários de Kardec sobre os fluidos no item 3, Cap. XIV de **A Gênese** são evidência mais que clara de que o Codificador sabia da existência de construções nas dimensões espirituais.

2.4.2. Com respeito à não necessidade da reencarnação caso tais construções existissem, nosso argumento é simples. Nas dimensões espirituais não podemos esconder nosso verdadeiro “eu”. Aquilo que pensamos é percebido pelos outros. Nem educados por fora podemos ser,

pois basta que pensemos mal de quem está ao nosso lado para que ele fique sabendo. Nossa identidade como Espíritos é visível aos Espíritos que nos são caros, aos que nos são indiferentes e aos que nos odeiam pelo que fizemos a eles. Se vivêssemos tão somente nas dimensões espirituais, os desentendimentos não teriam fim e nossos esforços por melhorar no mais das vezes seriam fracassados.

2.4.3. Quando reencarnamos, como que nos escondemos em um novo corpo, nos fantasiamos. Não só grande parte dos nossos desafetos nos perde de vista, como nossos pensamentos passam a ser secretos, diminuindo nossos atritos com os demais e nos dando tempo para controlar nossos instintos emocionais e abrandar nosso comportamento visando caminhar em direção ao bem. Além disso, enquanto, como Espíritos, somos os mesmos o tempo todo, ao reencarnarmos podemos representar um papel diferente em cada vida, com um imenso enriquecimento das possibilidades de aprendizado.

3. A Diversidade de Mundos Habitados

3.1. As migrações entre os mundos

3.1.1. Sabemos que, de tempos em tempos, quando um mundo necessita evoluir de estágio por força da evolução, processa-se uma migração. Os Espíritos mais endurecidos que estavam atrapalhando a evolução dos demais são transladados para um mundo em estágio mais atrasado onde eles, sob condições mais duras e convivendo com Espíritos mais atrasados ainda do que eles, serão, pela força de tais circunstâncias, levados a aprender as lições que se recusavam a aprender nas condições mais favoráveis de que anteriormente dispunham.

3.1.2. Podemos visualizar os diversos mundos como uma singular rede de ensino cobrindo da creche à pós-graduação, onde cada escola tem diversas séries e segue uma teoria educacional distinta. O dono da rede de ensino é tão, mas tão tolerante, que ele permite que os alunos repitam o ano tantas vezes quanto necessário e, mais, se os alunos não estiverem passando de ano em uma escola, mudam-nos para outra, com outro método de ensino, para ver se assim conseguem a aprovação. São infinitas as chances que existem nessa rede escolar e ninguém, jamais, é expulso dela por preguiça ou indisciplina. Por mais que um aluno repita o ano e mude de escola, o dono da rede nunca desiste de vê-lo formado e sempre lhe oferece uma nova chance de recomeço.

3.1.3. No Capítulo III de ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, Kardec classifica os mundos habitados da seguinte forma:

• **Mundos Primitivos:** destinados às primeiras encarnações e experiências da alma humana.

• **Mundos de Expição e Provas:** Nesses mundos, o mal predomina. Os Espíritos aí encarnam para prosseguir na sua evolução, passando por provas e expiações, decorrentes de seu processo de aprendizado evolutivo. Dentre os Espíritos que encarnam em um mundo de provas e expiações há os que acabaram de sair da infância evolutiva, vindos de um mundo primitivo, os que se demoram no aprendizado, precisando de inúmeras reencarnações para aprender cada lição evolutiva e os “degredados” de outros mundos, “de onde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons.”

• **Mundos de Regeneração:** Onde a alma penitente encontra a calma e o repouso e acaba por depurar-se. O Espírito ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; experimentando as mesmas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas e dos vícios. O amor e o reconhecimento de Deus predominam e o esforço evolutivo é constante. Ainda suportam provas, pois são essas não mais que mecanismos de ensino necessários à evolução. Sendo o Espírito ainda falível, no entanto, ocorre de alguns recaírem no erro, fazendo com que voltem aos mundos de provas e expiações para aprenderem pelo método mais árido aquilo que pelo bem recusaram aprender no ambiente de amor e paz.

• **Mundos Ditosos ou Felizes:** onde o bem sobrepuja o mal. A felicidade predomina.

• **Mundos Celestes ou Divinos:** habitação dos Espíritos mais evoluídos, onde reina exclusivamente o bem e o conhecimento da verdade.

3.1.4. Em um exercício de comparação, com base na Escala Espírita (**LE** Parte 2 Cap. I), podemos imaginar o seguinte enquadramento para a reencarnação de seres que estejam estagiando no Reino Hominal.

Categoria de Mundo	Progresso Acadêmico	Classes Predominantes de Espíritos
Primitivo	Educação Infantil	7a classe: Espíritos Neutros.
Provas e Expições	Ensino Fundamental	6a, 7a, 8a e 9a classes: Espíritos Perturbadores, Neutros, Pseudo-sábios, Levianos e Impuros.
Regeneradores	Ensino Médio	4a e 5a classes: Espíritos Sábios e Benévolos.
Ditosos ou Felizes	Curso Superior	2a e 3a classes: Espíritos de Sabedoria e Superiores.
Celestes ou Divinos	Pós Graduação	1a classe: Espíritos Puros.

3.2. A Constituição Física dos Mundos e a dos Seres que Neles Vivem

3.2.1. Aceitando a Pluralidade dos Mundos Habitados, nosso raciocínio é levado a ponderar sobre que formas de vida poderá haver em cada um.

3.2.2. Em sua busca de vida em nosso Sistema Solar a Ciência descobriu que, aqui mesmo, tão perto de nós frente às dimensões do Universo, encontramos mundos rochosos, secos na superfície e com tênue atmosfera, como Marte, mundos com superfície congelada, encobertos por complexa e espessa atmosfera de gases, como Júpiter e mundos totalmente gasosos, como o nosso Sol. Não nos parece extrapolação injustificada supor existirem, em outros sistemas, mundos totalmente líquidos, além de outros constituídos por matéria em estados que sequer podemos imaginar.

3.2.3. Como não nos é dado investigar, por ora, a vida em outros planetas, lancemos nosso olhar sobre o nosso querido Planeta Azul e vejamos quais lições ele nos tem a ensinar:

- seres que vivem em lugares escuros ou não possuem olhos ou os têm atrofiados;
- animais que vivem na água não possuem pernas, mas nadadeiras;
- animais que migraram para a água após terem vivido na terra, como os cetáceos, perderam as patas, que se tornam nadadeiras e ganharam novos mecanismos de respiração;
- animais que voam possuem asas e um encéfalo projetado de modo totalmente diferente, otimizado para, sendo mais leve, facilitar-lhes o vôo, sem sacrificar com isso seu potencial evolutivo;
- animais que migraram recentemente para o ar após terem vivido na terra, como os morcegos, ainda mostram em seu corpo os registros da adaptação que tornou seus dedos longos e unidos por membranas para formar asas.

3.2.3.1. O meio onde vivem os animais em nosso planeta em nada afeta suas perspectivas de evolução, uma verdade que os estudiosos do comportamento animal comprovaram ao identificar que habilidades cognitivas altamente desenvolvidas, que antes se acreditava somente existir entre os primatas, se encontram, também, tanto entre cetáceos, como o golfinho roaz-corvineiro, quanto entre psitacídeos, como o papagaio cinza africano.

3.2.4. O simples exame de como a vida evolui em nossa Terra, não importa o meio onde se encontre, nos parece indicar ser possível a vida, também, tanto no Sol, com o seu calor infernal, quanto nas esferas congeladas envoltas por enorme massa de gás, como Saturno e Júpiter. Entretanto, como será a constituição física dos seres que lá vivem. Será sensato admitir que a forma humana que lá vive é semelhante à nossa? Façamos algumas perguntas:

- em um mundo onde não há superfície sólida, para que servem pernas?
- em um mundo onde não chega luz, para que servem olhos ?
- para que serve uma boca e um sistema digestivo para seres evoluídos que se comunicam pelo pensamento e haurem sustento diretamente do fluido universal?
- em um mundo tórrido, é adequada nossa pele, são adequados nosso sistema respiratório, nosso equilíbrio térmico, a forma mesmo de nosso corpo?

- são úteis braços para seres que vivem flutuando em gás, que nele se locomovem e dele haurem seu sustento?

3.2.5. Poderíamos nos alongar por muitas páginas nessas perguntas e considerações, mas acreditamos já tê-las feito em número suficiente para mostrar que a forma dos seres (humanos ou não) de cada mundo é, obrigatoriamente, adequada à constituição física do mesmo.

3.2.5.1. Esta conclusão se acha, aparentemente, em conflito com o que diz o Item 56 do Capítulo I da Segunda Parte de **O Livro dos Médiuns**, isto é, que *“Com pequenas diferenças quanto às particularidades e exceção feita das modificações orgânicas exigidas pelo meio em o qual o ser tem que viver, a forma humana se nos depara entre os habitantes de todos os globos. Pelo menos, é o que dizem os Espíritos.”*).

3.2.5.2. Está, no entanto, plenamente de acordo com o que diz a **Revista Espírita** de março de 1858, no artigo intitulado **“A Pluralidade dos Mundos”**, onde lemos: *“Chegamos, pois, por um simples raciocínio, que muitos outros fizeram antes de nós, a concluir pela pluralidade dos mundos, e esse raciocínio se encontra confirmado pela revelação dos Espíritos. Eles nos ensinam, com efeito, que todos esses mundos são habitados por seres corpóreos apropriados à constituição física de cada globo”*. (o grifo é nosso).

3.2.5.3. Como **O Livro dos Médiuns** foi publicado em 1861, posterior, portanto, à publicação da **Revista** em questão, o que fica evidente é que, a redação que prevaleceu em **O Livro dos Médiuns** acabou colocando

como exceção aquilo que os Espíritos haviam informado como sendo a regra. Isso porque, por motivos que nos escapam, Kardec subestimou as dimensões das modificações orgânicas necessárias para um ser que em um líquido, por exemplo, migrar para um meio gasoso. A dimensão dessa diferença, no entanto, é facilmente perceptível em nosso próprio mundo, pois os seres que voam tem semelhanças entre si, os que nadam se parecem com seus pares, mas nenhum dos que nada se assemelha sequer remotamente a um que voe. Sábio que era, no entanto, Allan Kardec fez a ressalva “pelo menos é o que dizem os Espíritos”, sugerindo que algo naquela redação que ele mesmo havia feito não havia passado como certo pelo crivo de sua razão cristalina e de seu bom-senso lapidar.

4. Os Caminhos da Evolução

4.1. A Diversidade de Caminhos

4.1.1. Em dois artigos publicados nas edições de Maio e Agosto da ***Revista Internacional do Espiritismo***, tentamos demonstrar que, conforme afirmam os estudiosos, a inteligência é algo que não deve ser estudado entre as espécies, uma vez que ela se desenvolve em cada uma conforme as condições em que vive e os meios de que dispõe para enfrentar os desafios que lhe são apresentados na vida.

4.1.2. Visando exemplificar nossa tese, trouxemos aos leitores os resultados dos estudos feitos pela Ciência com respeito ao comportamento de três espécies, vivendo cada uma em um meio totalmente diverso da outra. Nossa escolha recaiu sobre dois mamíferos, sendo um o Muriqui, o maior primata das Américas, vivendo exclusivamente sobre as árvores e outro, o golfinho roaz-corvineiro – o popular “flipper”, que, como todo cetáceo, vive exclusivamente no mar, além do papagaio cinza africano, uma ave, ou, mais precisamente, um psitacídeo.

4.1.3. Como pôde ser visto em nossos mencionados artigos, as três espécies, apesar de viverem em meios totalmente diversos uma da outra e de terem constituições físicas extremamente diferentes, lograram todas atingir índices consideráveis de desenvolvimento cognitivo, comunicação razoavelmente complexa e variada e um equilíbrio emocional de dar inveja à Humanidade.

4.1.4. Em nosso estudo concluímos que tais espécies, tendo chegado ao ponto em que chegaram utilizando corpos físicos totalmente diversos um do outro e diversos do que utiliza o homem em nosso mundo, não havia porque darem saltos em outras direções.

4.1.5. Sendo o corpo físico um reflexo do corpo sutil que lhe molda as formas e o funcionamento, forçoso é admitir que as espécies em questão evoluirão cada uma lentamente em direção à maior complexidade, mantendo basicamente os parâmetros que hoje lhes definem a forma.

4.1.6. À medida que o estágio evolutivo de uma delas não mais lhe permitir prosseguir aprendendo em determinado mundo, os Espíritos por ela responsáveis providenciarão a sua transferência para um mundo mais sutil, onde as almas que a ela pertencem irão reencarnar gerando mutações em uma espécie ali existente, com o conseqüente surgimento da nova espécie que as abrigará, enquanto que a espécie que ali lhe servir de matriz prosseguirá no caminho que lhe é próprio.

4.1.7. Quando, no distante futuro que há à sua frente, a espécie estiver pronta para adentrar o reino hominal, certamente haverá, dentre os inumeráveis mundos existentes no Universo, pelo menos um cujas características físicas exijam da raça humana que ali venha a habitar formas e fisiologia semelhantes àquelas que ela possuir na ocasião.

4.2. A Individualidade, a Consciência e o Livre Arbítrio:

4.2.1. A Individualidade

4.2.1.1. Quando pensamos em um indivíduo imaginamos um ser que se diferencia dos outros de sua espécie podendo ser reconhecido a qualquer instante entre seus pares por mais que externamente se pareçam entre si. O convívio antigo entre o homem e algumas espécies permitiu-lhe constatar que certas espécies animais estão perfeitamente individualizadas. Não há dono de cachorro, gato, papagaio ou cavalo, por exemplo, que não identifique o “seu” animal dentre os demais, sendo, igualmente, capaz de fazer um longo rol das características comportamentais que lhe permitem a identificação.

4.2.1.2. Fosse a individualidade uma característica exclusiva dos animais domésticos, no entanto, poder-se-ia pensar quer tal ocorreria com a função específica de beneficiar o homem, apesar de ser tal hipótese incompatível com a Justiça Divina.

4.2.1.3. Ocorre, no entanto, que caçadores muitas vezes foram forçados a concluir que perseguiram indivíduos, com estratégias de fuga, disfarce e ataque absolutamente próprios em relação à de seus semelhantes, essas marcantes características individuais tendo mesmo acabado por consagrar na história dos locais em que tais animais passaram, nomes lendários como o lobo “tal” ou o tigre “qual”.

4.2.1.4. Como identificar se uma espécie está individualizada não é difícil a partir do convívio com a mesma. Uma definição precisa, no entanto, quanto ao momento exato no reino animal onde ocorre a individualização é algo que não se sabe. Jorge Andréa, em *Instintos Criativos da Evolução*, propõe que o surgimento da individualidade esteja ligado ao estágio de maturidade da glândula pineal, uma tese antes apresentada por outros autores, como André Luiz, em *Evolução em dois Mundos*. Tal glândula existe na maioria das espécies de peixe além de existir em todos os répteis, aves e mamíferos.

4.2.1.5. O que se verifica, portanto, é que a individualidade plena, aquela que nos permite falar desta ou daquela específica alma animal não é um acontecimento repentino, fruto de uma descontinuidade na natureza, mas uma lenta conquista que o princípio inteligente consegue, após trabalhar nos dois planos por muito tempo como parte da alma-grupo das espécies às quais anteriormente pertenceu.

4.2.2. A Consciência e o Mito do Paraíso Perdido

4.2.2.1. Existe, em pleno século XXI, no meio acadêmico internacional, um amplo e acirrado debate a respeito da consciência animal, envolvendo filósofos, psicólogos e etologistas. Um dos motores por trás desse debate é a validade ou não de se utilizar animais em experiências de laboratório. Ficando demonstrando que os animais não têm consciência, a sua utilização para se testar o efeito de novos medicamentos causando-lhes efeitos orgânicos deformantes ou fatais seria moralmente indiferente. Ficando demonstrando, pelo contrário, que eles possuem consciência, o aspecto moral teria forçosamente que ser considerado pela sociedade. Do mesmo modo que não se admite o uso de cobaias humanas em experiências, as cobaias animais também acabariam proibidas.

4.2.2.2. Ora, como podemos ver, existe um aspecto econômico importante na questão. Toda a farmacologia moderna é baseada no uso de cobaias animais durante a fase inicial de pesquisa. O que significará para a humanidade se, de um momento para outro, for comprovado, sem chance de contestação, que os animais possuem consciência? O que acontecerá com a pesquisa de novos medicamentos e com os milhões de dólares que essa pesquisa movimenta anualmente?

4.2.2.3. Vimos no estudo que mencionamos ter sido publicado pela **RIE** que três espécies animais de constituição bem diversa demonstraram possuir capacidade razoavelmente sofisticada de comunicação e padrões de comportamento social consideravelmente complexos, sendo

evidenciada a capacidade que cada indivíduo tem de se identificar no grupo e de identificar seus outros membros, comportando-se junto a cada um de uma maneira apropriada. Essas espécies, pelo menos, demonstram três características normalmente associadas à consciência, quais sejam: usar uma linguagem, ter consciência do eu e possuir a chamada teoria da mente (a capacidade que o indivíduo consciente de si mesmo tem de enxergar essa mesma capacidade nos seus pares, comportando-se junto a cada um com base nesse entendimento).

4.2.2.4. Nos parece sensato e racional, portanto, concluir que a consciência é, como todos os demais atributos da alma, uma conquista gradual que ocorre a partir das espécies superiores do reino animal e chega madura no reino hominal e não uma descontinuidade da natureza, algo que surge de repente quando a alma animal se torna Espírito.

4.2.2.5. A maturidade da consciência, o estágio que é atingido somente no reino hominal corresponde à conquista da consciência moral, a capacidade de avaliar o que é certo e o que é errado, capacidade esta que, quando atingida, implica em responsabilidade pelos atos e submete o ser à Lei da Causalidade.

4.2.2.6. Ocorre que lemos na resposta à Questão 600 de **O Livro dos Espíritos** que “*A Consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito*”. Teriam os Espíritos usado essa expressão por engano ou estariam eles se referindo a patamares superiores da Consciência de Si Mesmo? Preferimos ficar com esta última opção, uma vez que filósofos que escrevem sobre o assunto classificam a Consciência de Si Mesmo em patamares que são alcançados ao longo da evolução no reino animal, o nível alcançado pelo homem sendo aquele que lhe permite ter a consciência de ter consciência de si mesmo.

4.2.2.7. Nossa proposta de associar o ingresso no reino hominal com a conquista da Consciência Moral ou Consciência do Bem e do Mal parece estar retratada no Mito de Adão.

4.2.2.8. Antes as almas pré-humanas de antropóides habitavam o Éden da ingenuidade pois não eram capazes de atribuir valor a seus próprios atos, praticando-os livremente, sem sentimento de culpa e sem que lhes fosse cobrada responsabilidade pelos mesmos. Reencarnavam apenas para aprender novas lições e assim iam, felizes, desenvolvendo inteligência e emoções. Um dia, não mais tendo o que aprender no reino animal, provam do fruto da árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Em outras palavras, adquirem a Consciência Moral e se tornam humanos. Com a nova conquista, os tempos de ingenuidade cessam de existir, passam a avaliar os seus atos e adquirem responsabilidade pelos mesmos. São expulsos do

Éden da ingenuidade, entrando em ação a Lei da Causa e Efeito. Toda vez que, em uma vida, agredem as Leis da Natureza, voltam em uma outra para expiar seus erros. Ou, como diz o texto Bíblico, passam a comer o pão com o suor do seu rosto.

4.2.3. O Livre-Arbítrio

4.2.3.1. Sendo o livre-arbítrio um exercício próprio dos seres que possuem consciência de si mesmos, somos levados a concluir que, se os animais superiores possuem aquela obrigatoriamente possuem este. No entanto, por não terem conquistado ainda a Consciência Moral, o uso seu do livre-arbítrio é limitado às ações que fazem para satisfazer suas necessidades e cumprir os deveres que assumem junto às comunidades de que participam.

4.2.3.2. A esse respeito convém transcrevermos a Questão 595 de **O Livro dos Espíritos**:

595. *Gozam de livre-arbítrio os animais, para a prática dos seus atos?*

“Os animais não são simples máquinas, como supondes. Contudo, a liberdade de ação, de que desfrutam, é limitada pelas suas necessidades e não se pode comparar à do homem. Sendo muitíssimo inferiores a este, não têm os mesmos deveres que ele. A liberdade, possuem-na restrita aos atos da vida material.”

4.2.4. Podemos ver a maturidade dessas características da alma, consciência e livre arbítrio, como diplomas de graduação que, ao conferirem ao diplomado o direito de exercer formalmente as técnicas aprendidas desde que entrou na faculdade, igualmente o submetem ao controle dos Conselhos, que fiscalizam o exercício de sua responsabilidade profissional.

4.3. Reencarnação na Fase Pré-Hominal

4.3.1. Autores espirituais costumam referir-se a animais nas dimensões espirituais, não sendo raras, igualmente, comunicações de pessoas que sentiram a presença de seus animais de estimação que já partiram. Tais fatos parecem confirmar que realmente ocorre que animais superiores fiquem por um tempo na espiritualidade.

4.3.2. Sabendo que os animais superiores já estão individualizados, mas que ainda não possuem consciência e livre-arbítrio maduros, plenamente desenvolvidos, não sendo, portanto, responsáveis por seus atos, o bom-senso e a razão nos fazem concluir que tampouco têm eles sentimento de culpa. Desse modo, a permanência de suas almas nas dimensões espirituais somente deverá ocorrer se os Espíritos por eles responsáveis assim necessitarem em algum empreendimento. Um exemplo que nos

ocorre é tornar familiar o ambiente para Espíritos recém desencarnados ainda presos às sensações materiais. A presença de animais no ambiente poderia ser usada para lhes tornar mais suave a adaptação à nova realidade.

4.3.3. Analisemos o que diz sobre a questão ***O Livro dos Espíritos*** nas Questões 598 a 600.

598. Após a morte, conserva a alma dos animais a sua individualidade e a consciência de si mesma?

“Conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente.”

Aparentemente, na primeira parte da resposta, os Espíritos se referem apenas aos animais já individualizados. Já, na segunda, eles se referem a um atributo que alguns animais superiores já possuem, a consciência do eu. Nos parece válido entender que essa parte se refira à manutenção dessa consciência nas dimensões espirituais, isto é, que, caso a alma de um animal seja mantida nas dimensões espirituais por um período mais longo, a consciência do eu que porventura tenha adquirido será adormecida. A segunda frase, no entanto, requer mais atenção. Quando os Espíritos falam de “vida inteligente” eles se referem à vida moral, à responsabilidade. Com efeito, como os animais superiores não têm responsabilidade pelos seus atos, uma vez que ainda não conquistaram a Consciência Moral, sua permanência nas dimensões espirituais, caso ocorra, será sempre motivada por razões externas e nunca devido a seu próprio estado mental ou a sua necessidade evolutiva, como ocorre com o Espírito.

599. À alma dos animais é dado escolher a espécie de animal em que encarne?

“Não, pois que lhe falta livre-arbítrio.”

A pergunta feita por Kardec nos parece bastante estranha. Uma vez que tudo no Universo se encontra em evolução, a alma de um animal está em um estágio evolutivo bem determinado associado à sua espécie e à sua individualidade, esta quando definida. Desse modo, se essa alma pudesse reencarnar em espécie menos evoluída estaria retrocedendo e se pudesse reencarnar em espécie mais evoluída estaria dando um salto, hipóteses incompatíveis com a Lei da Evolução. Nos foge o que realmente queria saber o Codificador com essa questão.

Não menos estranha é, em um primeiro instante, a resposta dos Espíritos. O Espírito humano possui livre-arbítrio desenvolvido e, no entanto, não lhe é dado decidir em qual espécie vai reencarnar. Pelo contrário, enquanto

não tiver completando seu aprendizado como humano continuará reencarnando sempre como tal.

Teriam os Espíritos entrado em contradição? Se o homem possui o livre-arbítrio e isso não lhe permite escolher em que espécie vai encarnar, como é que, se possuísse o livre-arbítrio, a alma do animal poderia escolher em qual espécie reencarnar? De que “livre-arbítrio” estariam os Espíritos falando?

A questão, a nosso ver, fica compreensível se entendermos que os Espíritos se referiam ao livre-arbítrio necessário especificamente para reencarnar em qualquer espécie, da mesma forma que, quando dizemos que fulano não anda de asa-delta porque não tem coragem, não estamos dizendo que ele seja medroso em geral mas apenas que tem medo especificamente de andar de asa-delta.

Ora, qual será o patamar de “livre-arbítrio” dos Espíritos mais adiantados? Se examinarmos a Escala Espírita (**LE** Cap I, 101 a 113), veremos que os Espíritos Superiores reencarnam na Terra excepcionalmente em missão de progresso. Um caso como este pode ser visto como um Espírito reencarnando por livre-arbítrio em uma espécie a qual não mais pertence. Logo, existem Espíritos, sim, com livre-arbítrio para reencarnarem em qualquer espécie. Se o “livre-arbítrio” que o homem que reencarna na Terra possui é restrito apenas aos seus atos ao longo de cada reencarnação, o “livre-arbítrio” de um Espírito Superior e, por maior razão, o de um Espírito Puro, permite a estes escolher em qual mundo, dentro de que espécie e com que objetivo irão reencarnar.

600. Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal vem a achar-se, depois da morte, num estado de erraticidade, como a do homem?

“Fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.”

Essa resposta está em concordância com o nosso raciocínio. Os espíritos dos animais mais primitivos ainda não estão individualizados, mas encontram-se associados aos demais da mesma espécie, situação essa que Jorge Andréa intitula de alma-grupo-da-espécie. Desse modo, a reencarnação desses animais deve ser sempre imediata e a bagagem de

experiência que utilizam em cada nova vida, aquela compartilhada com os demais membros da sua espécie. No caso dos animais superiores, por outro lado, se bem que suas almas devam, igualmente, o mais das vezes, reencarnar de imediato na mesma espécie, é certo que levarão consigo a bagagem própria de experiências por eles já acumulada na individualidade.

4.3.4. Quando falamos, no começo deste estudo, sobre a Reencarnação dos Espíritos, dissemos que dois eram os motivos que os levavam a reencarnar, as expiações e as provas. Será que o mesmo se dá com as espécies animais?

4.3.5. Certamente não. Como vimos, a consciência e o livre arbítrio somente atingem sua maturidade quando a alma animal entra no reino hominal e se torna Espírito. Desse modo, antes disso ele não é responsável pelos seus atos, carecendo, portanto, de sentido falarmos de expiação.

4.3.6. Restam as provas como motores da evolução, essas sim necessárias e apresentadas na forma de situações que cada espécie tem que enfrentar ao longo de sua permanência em cada mundo.

4.3.7. Alguém nesse ponto poderia perguntar se, no caso dos animais, que não são responsáveis pelos seus atos, não seria possível que toda sua evolução se processasse nas dimensões espirituais.

4.3.7.1. Ocorre que os animais, assim como os humanos, necessitam vivenciar experiências interagindo umas espécies com as outras para desenvolverem a inteligência e as emoções. A imensa e sofisticada rede escolar da natureza oferece a infinidade de opções que eles precisam.

5. Os Reinos da Natureza

5.1. Na questão 591, Parte 2ª Cap. XI de *O Livro dos Espíritos*, lemos:

- *Nos mundos superiores, as plantas são de natureza mais perfeita, como os outros seres?*

“Tudo é mais perfeito. As plantas, porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens.” (o negrito é nosso)

5.2. Essa resposta dos Espíritos pode levar à conclusão errônea e, totalmente em desacordo com a Lei da Evolução, de que a alma que hoje anima um animal jamais chegará à condição de Espírito, passando a habitar o reino hominal.

5.3. A nosso ver, a única maneira de se entender o que os Espíritos quiseram dizer com a resposta acima que seja, a um tempo, compatível com a Lei da Evolução e com a Justiça Divina, é considerando os reinos como estágios evolutivos presentes em todos os mundos, não importa quão sutis e, portanto, evoluídos, tais mundos possam ser. Voltando à nossa analogia acadêmica, poderíamos ver a educação infantil como o reino mineral, o ensino fundamental como o reino vegetal, o ensino médio como o reino animal, a universidade como o reino hominal e a pós-graduação como o reino angelical.

5.4. Desse modo, a espécie animal mais evoluída que hoje habita no mundo mais evoluído é, certamente, aquela que se encontra mais perto de adentrar no reino hominal, o mesmo se podendo dizer da espécie vegetal em relação ao animal e da “espécie” mineral em relação à vegetal, somente para falarmos dos reinos mais conhecidos.

6. Juntando Analogias

6.1. Se juntarmos as duas analogias escolares que fizemos, uma para a evolução dos Espíritos e, outra, para os reinos da natureza, poderemos chegar a um entendimento amplo de como se dá a evolução do princípio inteligente nos diversos mundos (vide Nota).

6.2. **Mundos Inferiores:** nos mundos mais simples só existe o reino mineral. Depois, à medida que o mundo evolui, ele passa a ter, sucessivamente, reinos mineral e vegetal, depois, mineral, vegetal e animal e enfim, mineral, vegetal, animal e hominal, sendo os Espíritos que reencarnam nestes últimos, predominantemente, Espíritos Neutros.

6.3. **Mundos de Provas e Expiacões:** Sempre possuem os cinco reinos, mas os seres em todos eles se encontram mais evoluídos que nos Mundos Inferiores. Os humanos que reencarnam nesses mundos são, predominantemente, Espíritos Perturbadores, Neutros, Pseudo-sábios, Levianos e Impuros.

6.4. **Mundos de Regeneração:** Continuam possuindo os mesmos cinco reinos, todos em estágio mais evoluído que nos Mundos de Provas e Expiacões. Os humanos que reencarnam nesses mundos são, predominantemente, Espíritos Sábios e Benévolos.

6.5. **Mundos Ditosos ou Felizes:** Minerais, vegetais e animais ainda mais evoluídos se encontram em tais mundos. Os humanos que neles reencarnam são, predominantemente, Espíritos de Sabedoria e Superiores.

6.6. Mundos Celestes ou Divinos: Nesses mundos existe um sexto reino, o angelical. Somente Espíritos Puros neles habitam. É fácil intuir que é nesses mundos que se processa a última fase do princípio espiritual estagiando em cada reino. Estando os minerais em tais mundos no estágio máximo a que pode chegar um mineral, o seu imediato porvir será, obrigatoriamente, no reino vegetal e, pelo que nos indica o bom-senso, em um mundo primitivo. Mutatis mutandis, o mesmo se pode intuir sobre os vegetais e os animais neles existentes.

Nota: Em nosso estudo, por simplicidade, não estamos mencionando explicitamente os reinos identificados mais recentemente, monera e protista, nem os vírus, o que não quer dizer, entretanto, que o que é dito dos demais não se aplique a eles.

7. Conclusões

7.1. Acreditamos ter traçado um panorama geral do Aspecto Evolutivo da Reencarnação. Listaremos, a seguir, os pontos principais que abordamos.

- Não existe pecado, não existe punição. A Evolução possui na Reencarnação seus dois mecanismos educativos, a expiação, que é uma oportunidade de reparar erros cometidos e a prova, que é uma situação não antes vivida ensejando novos aprendizados.
- As almas que ainda não entraram no reino hominal não são responsáveis pelos seus atos, não sendo portanto, submetidas à Lei da Causalidade. Logo, reencarnam somente para enfrentar novas provas e não se demoram nas dimensões espirituais.
- Há uma diversidade de caminhos evolutivos, sendo que cada espécie pode livremente tomar um deles sem requerer mudanças abruptas em seu corpo sutil para adaptação a corpos físicos que não se lhe assemelhem. Haverá sempre um mundo pelo menos onde haverá uma espécie de corpo sutil semelhante ao seu e que servirá de matriz para a nova espécie que lá irá definir.
- Existem incontáveis mundos habitados no Universo, podendo ser visto cada um como uma escola, com várias séries em determinados ciclos, seguindo modelos pedagógicos próprios. É percorrendo ciclicamente a Rede Escolar de Deus que o princípio inteligente perfaz o longo caminho que o leva da simplicidade e ignorância até a angelitude, estagiando pelos diversos reinos em aprendizado constante.

7.2. Podemos concluir que a Reencarnação é o mecanismo central da Evolução nos reinos superiores da Criação. Nos reinos inferiores, no entanto, apesar de existir um ciclo de vida e morte o princípio espiritual encontra-se ainda adormecido tornando impróprio o uso do termo reencarnação.

7.3. O Ciclo de Vida e Morte por que passam os vegetais e os minerais, estes representados pelos astros do Universo, podem ser vistos, no entanto, como exercícios de reencarnação. Estaríamos diante, neste caso, de uma evidência de que até a Reencarnação é sujeita à Evolução.

8. Bibliografia Consultada e Sugerida:

Ades, César. **O Morcego, Outros Bichos e a Questão da Consciência Animal**. Psicol. USP. [online]. 1997, vol.8, no.2 [citado 05 de setembro de 2003], p.129-158. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=xcarttext&pid=S0103-656419970002>.

Andréa dos Santos, Jorge. **Impulsos Criativos da Evolução**. 3.Ed Societo Lorenz, 1995.
Ciamponi, Durval. **A Evolução do Princípio Inteligente**. 3 Ed FEESP, 2001.
Costa, Renato. **Diversos Caminhos da Evolução**. In: Revista Internacional de Espiritismo. Matão: Maio de 2003.

_____, _____. **Golfinhos, Papagaios e Muriquis**: Três Caminhos Diferentes da Evolução Anímica. In: Revista Internacional de Espiritismo. Matão: Agosto de 2003.

Di Bernardi, Ricardo. **Reencarnação e Evolução das Espécies**. 2 Ed Livraria e Editora Universalista Ltda., 1996.

Kardec, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 112 Ed FEB, 1996.

_____, _____. **O Livro dos Espíritos**. 76 Ed FEB, 1995.

_____, _____. **O Livro dos Médiuns**. 61 Ed FEB, 1995.

_____, _____. **A Pluralidade dos Mundos**. In Revista Espírita, Março 1858. IDE, 1993.

McNulty Mike. The Moral Relevance of Self-Consciousness (**A Relevância Moral da Consciência de Si Mesmo**). University of Waterloo Philosophy Department, February 7, 2003. [citado 02 de setembro de 2003]. Disponível em: <http://www.arts.uwaterloo.ca/~mjmcnult/self>

Nahas, Tatiana Rodrigues. **Animais Pensam? Um Passeio pela Cognição Animal**. Vox Scientiae. [online]. 2001, vol.1, no.1 [citado em 03 de setembro de 2003]. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/voxscientiae/tatiana.html>

Prado, Irvênia. **A Questão Espiritual dos Animais**. 2 Ed. Editora FE, 1999.

Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. **Evolução em Dois Mundos**. Ditado pelo Espírito André Luiz. 13 Ed. FEB, 1993.

Animal Consciousness (**Consciência Animal**). Stanford Encyclopedia of Philosophy. [citado 01 de setembro de 2003]. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/consciousness-animal/>

Estudo apresentado originalmente na Sociedade Espírita Jesus Escola, Cantagalo, RJ, em 6 de Setembro de 2003

Fonte: <http://www.ieja.org>

<http://aeradoespirito.sites.uol.com.br/A ERA DO ESPIRITO ->

[Portal/ARTIGOS/ArtigosGRs/O ASP EVOLUT DA ENCARN RC.html](#)

<http://www.carlosparchen.net/teste.html>